

PAMPILHOSA

UMA TERRA
E
UM POVO



GRUPO ETNOGRÁFICO DA PAMPILHOSA

LABORATÓRIO

Silva & Monteiro

ANÁLISES:

— HEMATOLÓGICAS

— BIOQUÍMICAS

— BACTERIOLÓGICAS

HORÁRIO:

DE 2.^a A 6.^a DAS 8 H ÀS 12 H E

DAS 14 ÀS 18 H 30



LARGO DO GAROTO

PAMPILHOSA

PAMPILHOSA

UMA TERRA E UM POVO

EDIÇÃO :

GRUPO ETNOGRÁFICO DE PAMPILHOSA
PAMPILHOSA — 3050 MEALHADA

N.º1 / JUNHO / 1982

2.ª edição digitalizada e formatada
por Daniel Vieira - setembro de 2019

DO POVO DE QUE VIMOS
E PARA O POVO QUE TAM-
BÉM SOMOS

SUMÁRIO

	Pág.
• 3 ANOS DE VIDA	3
• TESTAMENTO DA DOAÇÃO DA PAMPILHOSA AO MOSTEIRO DE LORVÃO (Tradução do Latim)	4
• ESCULTURA DO SÉC. XIII EM PAMPILHOSA — Maria das Dores S. Cristina	6
• AS FEIRAS NO CONCELHO DA MEALHADA — A. M. A. Silva	7
• UM TESTEMUNHO DE VIDA CO- MUNITÁRIA EM PAMPILHOSA	11
• ALGUNS COSTUMES DA PAMPI- LHOSA — Prof. Guilherme F. Silva	12
• O CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA E O DESENVOLVI- MENTO DA PAMPILHOSA — C. Cabral	14
• «AS ALMAS DO LAGAR» EM PAMPILHOSA	17
• A FONTE DO GAROTO — Maria das Dores S. Cristina	18
• O BARBEIRO COMO SANGRA- DOR E MEIO CIRURGIÃO	20
• FIALHO DE ALMEIDA E A PAM- PILHOSA — A. M. A. Silva	22
• A CASA MELO E O CELEIRO DAS FREIRAS DE LORVÃO	24
• ENTERRO DO BACALHAU — A. M. A. Silva	26

A todos quantos, de qualquer
modo, tornaram possível esta
revista

o nosso Obrigado

3 ANOS DE VIDA

COM O POVO QUE TAMBÉM SOMOS

Nascido de uma contradança carnavalesca, apresenta-se a público em 1 de Maio de 1979 o Grupo que se autodesignava de Rancho Folclórico da Pampilhosa, mas que mantinha todas as características de contradança.

Em Janeiro de 1980 aderem ao Grupo alguns novos elementos, logo dispostos a dar-lhe uma feição verdadeiramente folclórica. Desde então que o Rancho Folclórico da Pampilhosa tem, com toda a sua actividade, liderado o movimento Folclórico e Etnográfico no nosso Concelho.

Com lealdade, transparência de processos, pureza de intenções e com toda a verdade, fomos pioneiros na apresentação da trajes bem como na apresentação de danças e cantares da região; fomos pioneiros nas recolhas e na organização de um Museu Etnográfico; fomos pioneiros na organização e reposição de Festas verdadeiramente populares ou tradicionais; fomos ainda pioneiros na apresentação de trabalhos de etnografia, ainda que policopiados.

Numa situação normal esta nossa actividade seria, certamente, seguida do reconhecimento de todos os organismos responsáveis. Infelizmente a verdade é outra e surgem-nos dissabores e contrariedades de onde devia brotar apoio e carinho pelo nosso trabalho.

Certamente por inveja ou temor à verdade, mesmo sem olhar a meios, há quem tente denegrir toda a nossa obra. Por imitação e com a força daquilo que nos falta e que não podemos esbanjar, tem-se pretendido, desde o início e hoje ainda mais, subalternizar esta acção do nosso Grupo.

É por tudo isto que a nossa força e vontade de vencer, em vez de diminuir, se reforça cada vez mais.

A nossa certeza, é que a verdade sempre triunfa!

Ela está muito acima do poder e é a primeira a causar a queda deste quando este se propõe escondê-la ou adulterá-la.

Portanto aqui estamos hoje, mais uma vez pioneiros no lançamento de uma Revista Etnográfica.

Oxalá no futuro tenhamos todos os apoios que esta actividade justifica.

O nosso propósito é seguir em frente com a única preocupação de sermos honestos connosco e com o Povo «que também somos». É por isso que estamos serenos como sempre, cada vez mais tranquilos e confiantes por termos connosco a força da razão, a força do querer e a força do nosso Povo.

...E a força do nosso trabalho, feito unicamente com o apoio do nosso Povo.

Que as pessoas responsáveis leiam e meditem!

Que esta Revista seja um aguilhão espetado na consciência de quem, tendo a obrigação, por nós nada tem feito. A estes, nós convidamo-los à autocrítica. Entenda quem quiser.

Rancho Folclórico e Grupo Etnográfico da Pampilhosa

TESTAMENTO DA DOAÇÃO DA PAMPILHOSA AO MOSTEIRO DE LORVÃO, FEITA POR GONÇALO RANDULFO E SEU FILHO TELO GONÇALVES

(Tradução do Latim)

Aos valorosísimos, triunfadores e santos mártires Mamede e Pelágio, cuja Igreja está situada no lugar denominado Mosteiro de Lorvão, região de Coimbra.

Ora eu, Gonçalo Randulfo servo de Deus e meu filho Telo Gonçalves vosso servo, que oprimidos pelo pão dos pecados, somos arrancados ao desespero pela esperança, confiança e méritos dos Santos; nós que acusados pela consciência trememos muitas vezes de remorso por causa do nosso crime.

Para que nós por vós, Santíssimos Mártires mereçamos o perdão de Deus.

As súplicas e a fé de todos os santos satisfaça todos os desejos.

Decide-nos o mandamento divino. «Dai e ser-vos-a dado».

Tudo te pertence Senhor e as outras coisas.

Finalmente por teu amor que escolhi para patrono, concedemos e oferecemos ao teu Santo Altar e a vós abade D. Eusébio e toda a vossa congregação, a nossa Vila que chamam Pampilhosa (Pampiliosa ou Pampilosa) juntamente com a Torre, vinhas, pomares, casas, currais, terras desbravadas e incultas, pedras móveis ou imóveis, fontes dos montes, campos de regadio, moinhos por onde puderdes encontrá-los.

A mesma vila confina com a Vacariça e ainda com o Monte Buçaco e com a vila de Larçã, e ainda com o baixio de Vale de Cavalos até à mata da Vimieira e chega até à nascente do Certoma e até ao termo da Vacariça.

Por isso, tudo o que indicamos, com o seu valor e rendimento, vos concedemos e testamos à mencionada igreja de S. Mamede para sustento e vestuário dos monges e bem assim para as luzes dos vossos altares e para as esmolas dos pobres e dos cativos. E doamos daquela vila a Martinho Arnaldo (Martinus Arnaldiz) um dia de bois (uma geira) de terra de lavoura,

para que ele a possua durante a vida e dela vos dê a décima parte líquida e depois da morte dêle volte ao Mosteiro, se herdeiro algum, agora ou posteriormente não houver, porém com a condição que dela tenhamos o usufruto enquanto vivermos e vos paguemos a décima dela e depois da nossa morte passe para as vossas mãos toda aquela Vila.

E se deixarmos descendência, tome ela posse daquela herança e vos preste serviço e a décima. E depois da morte deles, a descendência de minha irmã permaneça sempre junto da Igreja de S. Mamede, para remédio da nossa alma e dos nossos pais. Juramos por DEUS pai omnipotente que nunca havemos de romper este compromisso. Se todavia, alguém, o que não acreditamos que aconteça, se insurgir, ou nos insurgirmos contra a nossa palavra, antes de mais que seja excomungado e participe da sorte de Judas traidor, e além disso restitua quatro dobros (oito tantos) quanto tiver tentado roubar.

E este nosso testamento adquira toda a força ...

Feita a carta de testamento a 3 das kalendas de Julho da era de 1155 (*) (ano de 1117).

Eu, Gonçalo e meu filho Telo que mandamos fazer esta carta de testamento e assinamos com nosso punho, e nós que estivemos presentes, eu Elduara Randulfiz, porque meu irmão fez o mesmo, concordo.

Abade Eusébio confirmou. Monge Pelágio conf.; Monge Gonçalo conf.; Monge João conf.; Monge Pedro conf.; Monge Rodrigo conf.; Monge Martinho conf.; Presbítero Mendo testemunha, Diácono Egas testemunha, Diácono Gonçalo testemunha, Anaia Vestráris testemunha, Mendo Gonçalo testemunha, Mendo Lucidi testemunha, Acólito Pedro notou.

In «Mosteiro de Lervão na reconquista cristã»

In «Mosteiro de Lervão na reconquista cristã»

(*) 28 de Junho de 1117.

por Rui de Azevedo

ESCULTURA DO SÉCULO XIII EM PAMPILHOSA

Aos vestígios que ainda hoje representam na região de Coimbra a escultura do século XIII, convirá acrescentar um muito interessante que se conservava (1880) na quinta denominada de S. João do Piolho pertencente a Basílio Augusto Xavier de Andrade, e situada por cima da pequena povoação das Lages sobre a margem esquerda do rio Mondego, a uns 3 quilómetros ao sul de Coimbra.

É um baixo relevo em pedra de Ançã, que terá pouco mais ou menos um metro quadrado (1,24 × 0,81).

A distribuição dos assuntos esculpidos foi feita do mesmo modo que nos trípticos.

O quadro principal, que é o do meio, representa o Salvador sentado. A esquerda, em cima o Calvário, em baixo a Deposição no Sepulcro. A direita, em cima, o Descimento da Cruz, em baixo a Aparição a Madalena.

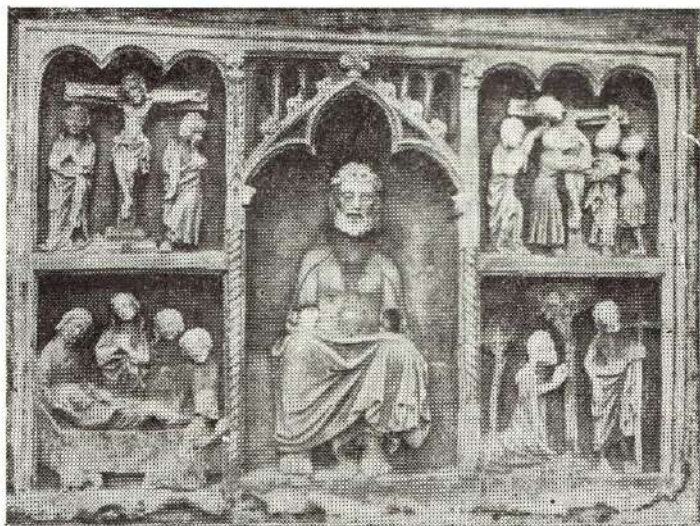
A escultura das figuras é do mesmo género que a do baixo-relevo, trazido da ermida de Santa Comba para a colecção de Arqueologia do Museu.

O grande pórtico central é trilobado ou tricêntrico na forma dos dois que adornam aquele baixo-relevo.

Esta curiosa antiguidade, parece ter vindo de um dos antigos conventos da Ponte, hoje destruídos. — (Convento de Santa Ana? de Santa Clara? de São Francisco?).

Hoje, encontra-se na posse do industrial Francisco Teixeira Lopes cravado numa das paredes externas da sua residência em Pampilhosa.

Maria das Dores Sousa Cristina



Escultura do Séc. XIII, cravada numa parede exterior da residência de Francisco Teixeira Lopes, em Pampilhosa

AS FEIRAS NO CONCELHO DA MEALHADA

A FEIRA DE SANTA LUZIA E A FEIRA DOS 22 EM PAMPILHOSA

COMO SE PERDE UMA FEIRA...

...COMO SE GANHA UMA FEIRA!!!

Junto a uma Capelinha a Nossa Senhor das Neves, próximo de Trouxemil, no Concelho de Coimbra, já em 1758 se citava que «ali se realizava aos cinco de cada mês do ano uma feira franca».

Nos fins de 1920 e na tentativa de evitar o alastramento de uma epidemia de febre aftosa, são proibidas no distrito de Coimbra, todas as feiras de gado. Ora a capela da Senhora das Neves e portanto a sua feira, ficavam no limite norte do distrito de Coimbra e a dois passos do distrito de Aveiro. E aqui as autoridades de então, falharam, não tendo o tacto suficiente para atingirem aquela realidade e encontrarem fáceis soluções. Limitaram-se a, cegamente, cumprir rigorosamente a Lei, sem condescendências... Mas a vontade popular prevaleceu!

O povo que queria a sua feira, rude e barbaramente maltratado pelas forças da ordem, não desiste, e num golpe hábil e inteligente leva avante a sua vontade realizando a sua feira da Senhora das Neves noutra local, a menos de uma légua, mas já no distrito de Aveiro.

As gentes da freguesia de Barcouço aproveitam esta oportunidade e com vontade entusiasmante passam a realizar no Alto de Santa Luzia, desde Janeiro de 1921, e nas mesmas datas da Senhora das Neves, a sua feira de Santa Luzia, que assim não mais voltará ao primitivo local.

DISCURSO INAUGURAL DA FEIRA DE SANTA LUZIA,

proferido pelo Sr. João Ramos :

«Meus Senhores :

Assim como os grandes, os ricos, os bafejados da fortuna, numa louca aspiração de grandeza, radicando sempre uma vida de prazer de luxo e de ociosidade, alheios sempre às grandes lides dos trabalhos; assim como o funcionalismo público, o operariado, o empregado dos caminhos de ferro, que em contínuas e sucessivas greves, atrofiam e arrastam a vida da Nação, e muito principalmente a das classes trabalhadoras, adoptando apenas o tema de consumir muito, e trabalhar pouco, assim a nós lavradores e agricultores nos assiste o justo direito de encurtarmos os nossos sacrifícios, defendermos os nossos interesses e pugnamos pelas nossas comodidades. Não proclamo a abstenção do trabalho; antes pelo contrário, por que o trabalho sempre que seja bem orientado, dignifica o homem, enriquece o lar e santifica a família, e a sua velhice torna-se um paraíso; mas quando esse trabalho e esse sacrifício são mal orientados, os seus resultados são improdúctos.

É a glória que nos cabe hoje, desta jornada aqui, a inaugurar a feira de Santa Luzia que há-de perpetuar o nosso esforço, que há-de engrandecer o nosso gesto, e tornar imorredoura a nossa iniciativa. Vimos redimir um erro crasso dos

nossos antepassados que se lembraram de crear uma feira como a das Neves, num local sem nenhuma condições para tal fim, desprézándo o que hoje destinamos para esta que inauguramos, que, em contraste, oferece todas as comodidades exigíveis. Quantas tempestades se suportaram ali; a quantas rajadas de vento tivemos de fazer afronta fustigados por todos os lados, sem abrigo para milhares de pessoas que ali iam, porque se não construíam prédios; porque se não montavam hospedarias em condições higiénicas num mórro escabroso e sem vias de comunicação; por tudo condenado para uma feira.

Só a nossa inépcia, a nossa indolência, o pensar rotineiro da maior parte do povo, nos deixou arrastar e nos arrastou ali durante tão largo tempo; e ainda deploravelmente continuaríamos, no mesmo disparate, se ultimamente não fôssemos escorraçados e corridos diante dos cavalos e das espadas luzidas da Guarda Republicana de Coimbra que afrontou e prohibiu as feiras do seu concelho, ocasionando inúmeros prejuízos para os lavradores, principalmente para os negociantes. Resultou um grito de alarme em todos os povos, desde o sul ao norte da Bairrada, desde a baíra-mar às serras da Beira Alta, e eis emancipada a nossa geração, duma aspiração tão justa, como é a criação dum feira neste lugar. A natureza dotou-o para, e nós temos de prepará-lo e embelesa-lo. Ninguém duvide que os nossos vindouros hão-de fazer deste local uma povoação importante, que promete ao comércio uma estrada, que partindo daqui, vá a Pampilhosa, a ligar com a estrada do Pêgo a passar por Luzó e Beira Alta; uma variante que passe por Marmeleira do Botão, a embocar na estrada de Botão a Penacova. Macdamizar esta conhecida estrada de Aveiro a ligar com a estrada de Murte de a Cantanhede e Mira, e, finalmente, a construção da projectada estrada de Barcouço a Ançã, ficando ligada assim por este tecido de estradas a beira-mar com a Beira Alta e o norte com o sul do nosso Paiz. A bifurcação de todas estas vias oferecem a mais segura esperança comercial, com o que se beneficiam altamente todos os povos vizinhos pelas facilidades de todas as transacções. Mas como isto depende do esforço e do concurso de todos, para que esta feira que brilhantemente inauguramos, não seja de vida efémera, apélo para que todos lhes prestem o seu denodado concurso em todos os ramos de comércio que se iniciarem.

A Feira de Santa Luzia só é inaugurada com gado bovino e suino e com uma modesta tenda de tecidos de lã e algodão, (produto da minha boa vontade), mas não tardará, seguindo-me o exemplo, que outros negócios aqui se desenvolvam, afluindo em grande abundância, cereais, legumes, peixe, hortaliças, ferragens, calçado, chapéus e muitos artigos.

Não regatearei eu nada que esteja nos âmbitos das minhas modestas forças para dar impulso a esta feira, construindo dentro em pouco aqui uma pequena casa, que será a pedra fundamental duma povoação.

Na pura convicção de que seja uma realidade tudo o que deixo dito, levanto bem alto um — Viva a Feira de Santa Luzia !

Barcouço, 5 de Janeiro de 1921. João Ramos»

COMO SE PERDE UMA FEIRA EM BENFÍCIO DE OUTRA :

Não contentes com o êxito imediato da sua nova feira, e para a alicerçar melhor no novo local, logo ali se constrói uma capelinha em louvor de Santa Luzia,

já que o orago àquela Santa se situava um pouco mais além, na povoação de Carqueijo. Para além desta Capela, somente em 1928 é edificada a primeira construção. E de então para cá passou o Alto de Santa Luzia a transformar-se de um local ermo, num progressivo aglomerado populacional.

Mas entretanto e não se sabe ao certo desde quando, realizava-se na Pampilhosa, aos 22 de cada mês uma feira de gado bovino (no recinto onde hoje se situa o Infantário). E vai daí, lembram-se os senhores de Barcouço de dar novo impulso à Feira de Santa Luzia, à custa da Feira dos 22 da Pampilhosa. Para tanto foi somente criar novo ciclo para a sua feira. Em vez de mensal, a partir de Fevereiro de 1938 a Feira de Santa Luzia passa a ser quinzenal e a realizar-se aos 5 e 19 de cada mês. Tão certos estavam deste novo êxito que um popular logo criou os versos que transcrevemos :

«Motte

No dia 19 de fevereiro
Cahiu Nova simpatia
Uma nova feira criada
No alto de Santa luzia

Glosa

1.º

Escutem meus cavalheiros
Esta minha piada
No prinssipio foi festejada
O Cortejo de dois gateiros
Aqui se vendem sendeiros
Vode cavra e carneiro
Quem levar pouco dinheiro
Pode comprar um Jarico
Ali tudo molha o vico
No dia 19 de Fevereiro

2.º

Deus a todos deu destino
As obras da criação
Fasse aqui uma povoação
Criada pello Gelhermino
E uma criação d contino
Com a mais profunda alegria
Aqui não há abaria
Fica uma feira balente
Concorrida por toda a jente
Com uma nova simpatia

3.º

Fica a Pampilhosa a tremer
Na feira dos binte dois
A nossa apanha-lhe os bois
Deixa aquse a morrer
Ninguem lhe pode valer
A nossa jente arojada
Que teve um sonho dourado
Vesse hoje o resultado
Mais nova feira criada

4.º

Esta agora e criança
Nos deixemos a medrar
Pom as outras d cu o ar
I Christo tras lhe a sentença
Para decente e que se avança
Com a maior valentia
Esta nossa energia
Bai adiante avengar
Creasse um lindo lugar
No alto d Santa luzia
Tomem notta meus amigos
Nestas minhas poesias
Esta tirada da edeia
De Anto Marques Dias

Barcouço, 16 de Março de 1938 Antonio Marques Dias»

O povo da Pampilhosa, reconhece o perigo que ameaça a sua Feira e não deixa cair os braços:

Logo em Outubro de 1938 a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Pampilhosa e de acordo com os lavradores resolve dar todo o apoio «ao restabelecimento da Feira de gado suíno que se efectuará nos dias 22 de cada mês, em conjunto com a Feira de gado bovino e junto ao local onde esta se efectua».

É emitido um comunicado a dar esta informação e a incentivar as pessoas a comparecerem. Foram até estabelecidos três prémios:

- 1.º — 40\$00 — ao porco maior e mais gordo.
- 2.º — 30\$00 — ao porco de gorda mais feitoso.
- 3.º — 20\$00 — à ninhada de leitões mais numerosa e mais linda.

Porque os resultados não fossem muito famosos, em Março de 1939, «uma comissão nomeada» emite novo comunicado dirigido ao Povo da Região da Pampilhosa, prometem-se todos os esforços para que «venham à Feira todas as mercadorias que são de uso na maior parte das Feiras e Mercados» e também que iriam «promover ainda outros melhoramentos no local, de maneira a que ele ofereça aos feirantes uma maior soma de comodidades». Anuncia-se até a decisão de que «a próxima Feira é ainda no dia 22 devendo as futuras realizar-se nos dias 14 de cada mês, por conveniência ponderada e reconhecida da Comissão».

Na mesma altura, em Março de 1939 um outro comunicado é profusamente espalhado, dando conhecimento das mesmas resoluções mas dirigido ao «Povo e negociantes da Beira Litoral e em especial da Região Bairrada».

Tentava-se assim com esta transferência de datas, de 22 para 14, e por antecipação à nova Feira dos 19, enfraquecê-la.

Desta maneira desaparece a Feira dos 22 da Pampilhosa para dar lugar à Feira dos 14 que no entanto nunca chegaria a atingir o desenvolvimento da Feira anterior. Ela irá mesmo agonizando até à sua completa extinção, isto sem que as gentes de Pampilhosa não tivessem tentado por mais dar-lhe novos motivos e alentos. Mas, em vão! A sentença estava dada.

A. M. A. S.

NOTA: — Todas as expressões entre aspas «...» são reproduções textuais de escritos originais.

B I B L I O G R A F I A :

- As Feiras de Gado na Beira Litoral — JORGE GASPARI,
- Arquivo de Manuscritos do Museu Etnográfico da Pampilhosa,
- Arquivo de Impressos Diversos do Museu Etnográfico da Pampilhosa,
- Arquivo de Recolhas do Grupo Etnográfico de Pampilhosa.

UM TESTEMUNHO DA VIDA COMUNITÁRIA EM PAMPILHOSA

Falar da vida comunitária dos Povos nossos antepassados é um tema aliciente, embora não nos mova o propósito de aqui o desenvolver. Não é essa a nossa missão, não obstante reconhecermos que quantos e quantos de nós ainda hoje teria muito que aprender com o comportamento dessas gentes que outrora por cá andaram.

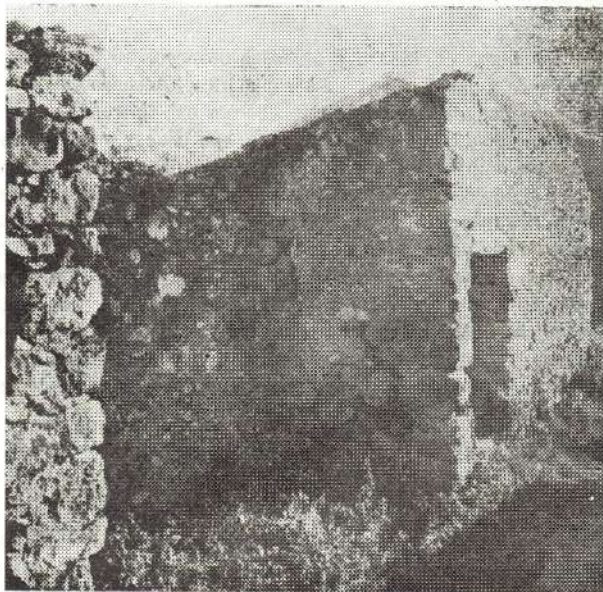
Pretendemos apenas divulgar um aspecto curioso da vida de antanho na Pampilhosa, e cujo testemunho está prestes a desaparecer, se é que não desapareceu já, no momento em que damos a conhecer este facto.

Dentro da Pampilhosa actual, é na Pampilhosa Alta que podemos encontrar vestígios dos tempos antigos, por ter sido ali a primitiva Pampilhosa.

Ora a Rua do Casal, (só este nome, o que poderá significar...), manifesta hoje ainda pormenores e ruínas deveras significativas. Aí fomos encontrar, numa estreita quelha, limitada por muros velhos, umas ruínas que fotografámos e documentámos. As suas paredes, em reentrância, terão constituído estrumeira comunitária. Os estrumes eram retirados dos currais para aquele local. Também o mato que tapetava a rua era regularmente substituído por todos os moradores e ali colocado, na estrumeira, onde completava o seu ciclo de fermentação. Quando essas mesmas pessoas precisassem de estrumes para as suas lavras, retiravam da dita estrumeira o que necessitavam.

Este testemunho por nós recolhido, revela a vida comunitária que por aqui se viveu e que infelizmente as pessoas de hoje se mostram incapazes de o fazer! Será?

(Recolha realizada pelo Grupo Etnográfico da Pampilhosa)



RUINAS DA
ESTRUMEIRA
COMUNITARIA

ALGUNS COSTUMES DA PAMPILHOSA

(Segundo excertos de obras do ilustre Prof. Guilherme Ferreira da Silva)

CARNAVAL

Na minha aldeia, quinze ou vinte dias antes do dia de Carnaval — então, Entrudo — já se falava nele, já se jogava, já apareciam as primeiras partidas e já se inventavam outras para os três ou quatro dias finais.

Nestes, vinha a população para a rua, os novos divertindo-se, os mais velhos gozando com o seu divertir dos outros. Rapazes e raparigas corriam as ruas da povoação jogando à «Ponte», outros brincavam ao «Panelo», atirando duns para os outros cântaros e panelas de barro velhas, que durante o ano se guardavam para esse fim e que em dado momento se deixavam cair e se desfaziam em mil bocados no meio de um clamor geral de reprovação, mas de verdadeira alegria ao mesmo tempo. Para o povo, estes dias de Carnaval eram, como poucos outros, uma válvula de escape das atribulações dum ano inteiro de trabalho. Era uma clareira de luz nas sombras da existência.

(Em «Gazeta de Cantanhede» — Semanário Republicano, n.º 2366 de 23/2/1963)

PÁScoa

Na minha terra, como certamente em muitas outras terras do nosso país, há um hábito a que eu acho um sabor extraordinário e que tem lugar no dia de Páscoa.

A visita do «Senhor», às casas da povoação, começa logo de manhã, que a caminhada é grande e tem de ser cumprida. Acabada ela, os afilhados comparecem em casa dos padrinhos para receberem os «folares» — e só depois da visita do «Senhor», pois que é esse o preceito, que poucos alteram. Os folares, geralmente, são bolos de pão, doce ou não, de formas variadas e nomes diversos também, como: «bolos de cornos; bolos de ovos; bolos em forma de coração, etc.», juntando-se por vezes, aos mesmos outras dádivas, conforme as posses dos padrinhos e as necessidades dos afilhados. Começa então a desfilada destes pela rua do burgo, e é vê-los todos pimpões, abraçados aos bolos e com tal gana, que ninguém ousa tocar-lhes, que a luta seria terrível pela posse da oferta acabada de receber. Alguns dos afilhados são ainda crianças de colo e ao colo das mães são conduzidos, outros mais crescidos, vão pelo seu pé, de sapatos novos, de fatos estreados no dia, uns e outros, muito senhores do seu papel, que deseja representar a rigor.

No dia de Páscoa, todo o mundo vem para a rua. Esse conjunto harmonioso com a Natureza, na ressurreição de vida saída das entranhas da terra, os homens — inclusão feita de mulheres e crianças — apresentam-se de semblante aberto, sorriso acolhedor, amigo, também ressuscitado das negruras do Inverno.

As famílias visitam-se no «salão nobre» de cada casa, ornado a preceito para receber a comitiva que conduz o «Senhor», em cima da mesa, há sempre um prato

de amêndoas, de bolos sortidos e a imprescindível garrafinha de licor. Então todos tomam qualquer coisa, confraterniza-se, há uns momentos de boa disposição, diga-se, de alheamento das agruras da existência.

(In «O DESPERTAR» — Bi-semanário Republicano Independente, n.º 4625 de 13/4/1963)

«AOS MOÇOS E MOÇAS DA MINHA TERRA»

*Rapazes e raparigas
Da terra onde eu nasci!
Atentai bem nestes versos.
Foi p'ra vós que os escrevi.*

*Fui convosco para os campos,
Fui convosco p'rás Pedreiras,
Fui convosco p'rás vindimas
E p'rás malhadas das eiras.*

*À hora de nascer o Sol,
Acompanhei-vos p'rá Fonte.
Ouví os vossos segredos
D'amor — que não sei se conte...*

*De manhã, tocam matinas.
Então, de enxada às costas,
Vejo-vos ir para os campos,
Ou subindo as encostas,*

*Alegres e prazenteiros,
Nos lábios uma cantiga,
Seja às horas do descanso,
Seja às horas da lida.*

*Nas vés'pras de São João,
Ao saltarmos as fogueiras,
Queimamos, com nossos sonhos,
Nossas ilusões fagueiras.*

*E lá pela noite alta,
Depois da festa pagã,
Fomos de braço dado
Desafiar a manhã.*

*Pela apanha da azeitona,
Pelas regas, pelas sachas,
Sorri com vossos despiques,
Vossos ditos e chalaças.*

*As noites que nós passámos
A tratar do «entremês»:
«Havia... mas já não há»!
Quem no-lo dera outra vez!*

*Pelos dias quentes de Verão
Fui convosco às romarias
Ver os formosos «Maneiis»
A bailar co'as «Marias».*

(Do livro «Quadras do Meu Amanho»)

O CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA E O DESENVOLVIMENTO DA PAMPILHOSA

Ocorre no próximo dia 28 de Junho o 865.º Aniversário da primeira data documentalmente conhecida da existência da Pampilhosa. Efectivamente, Gonçalo Randulfo e seu filho Telo Gonçalves doavam nesse dia 28 de Junho de 1117 a «vila» de Pampilhosa ao abade Eusébio do Mosteiro de Lorvão.

A existência da Pampilhosa é, pois, anterior à fundação da nacionalidade já que só 26 anos mais tarde, mais concretamente em 1143, D. Afonso Henriques se auto-proclamou Rei de Portugal.

Ao longo de muitos séculos foi sempre a Pampilhosa um pequeno povoado rural localizado na zona alta da actual localidade mais concretamente nos locais ainda hoje designados por «Igreja Velha», «Marco» e «Casal».

Quando em 28 de Outubro de 1856 o Rei D. Pedro V inaugura o primeiro troço de caminho de ferro em Portugal, é dado assim o primeiro passo para o desenvolvimento deste meio de transporte e com ele a criação e desenvolvimento de muitas terras de Portugal: Pampilhosa é uma delas.

A linha férrea do Norte ligando as cidades de Lisboa e Porto, então de via única passa nas proximidades da Pampilhosa de então quando em 10 de Abril de 1864 foi inaugurado o troço de Estarreja a Taveiro (a construção neste local fez-se no sentido norte-sul e só em 7 de Junho desse ano foi feita a ligação Taveiro-Soure e assim a conclusão da ligação de Lisboa até V. N. de Gaia). Dada a pouca importância da pequena aldeia rural que era a Pampilhosa nem sequer um simples apeadeiro aqui foi construído. Quem quisesse tomar o comboio tinha de se deslocar à Mealhada ou a Souselas. Era a Pampilhosa nessa altura a mais pequena freguesia do concelho da Mealhada com cerca de 500 habitantes.

CENTENÁRIO DO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA

Só em 1880 com a construção do caminho de ferro da Beira Alta que partindo da Figueira da Foz pretendia atingir a fronteira de Vilar Formoso foi construído o conjunto de instalações da estação ferroviária da Pampilhosa. O primeiro comboio que ligou pela primeira vez Figueira da Foz a Vilar Formoso passou na Pampilhosa no dia 1 de Julho de 1882 faz precisamente agora um século.

A estação foi construída no local então designado por «Entre Silveiras», onde até essa altura não existia qualquer construção e distava cerca de um quilómetro da então Pampilhosa. Ao entroncar aqui a linha da Beira Alta com a linha do Norte são construídos os diversos edifícios dos caminhos de ferro da Beira Alta: Estação, Gares, Depósito de Locomotivas, e o ainda hoje chamado «Cais Local» para mercadorias, conforme se pode reconhecer na gravura que se publica e que foi recolhida da revista «O Occidente» n.º 140 de 11/11/1882.

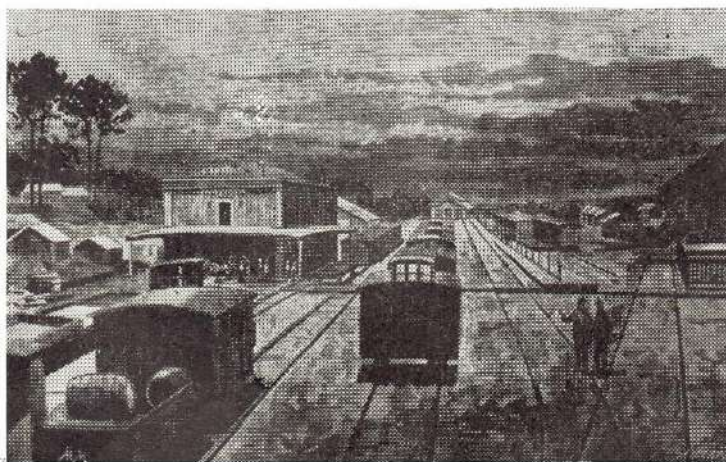
Só nesta altura passou a estação da Pampilhosa a servir também a linha do Norte e os seus comboios aqui a pararem, ou seja 18 anos após aqui terem começado a passar.

A EDIFICAÇÃO DA PAMPILHOSA DE HOJE

Pode, pois, dizer-se que 1880 é um marco importante no desenvolvimento da Pampilhosa e que a construção do Caminho de Ferro da Beira Alta ficou inscrito na história desta terra. Junto à estação e obviamente pelo «chamamento» do caminho de ferro, começam a edificar-se as primeiras construções da parte baixa da Pampilhosa de hoje, formando-se um aglomerado que passa a designar-se por «Entroncamento», nome que ainda hoje se mantém a certos níveis oficiais, nomeadamente de matrizes prediais.

Processando-se a construção total do caminho de ferro da Beira Alta, e posteriormente a ligação em Espanha, Fuentes d'Oñoro-Salamanca, vê a Pampilhosa pela primeira vez em 1 de Julho de 1895 partir o «Sud-Express» em direcção a Paris. Comboio internacional de grande projecção chegou a fazer ligação em Lisboa com os navios que se dirigiam ou vinham do continente americano (se acaso o comboio atrasava os navios aguardavam a sua chegada) poupando assim alguns dias de viagem no mar aos passageiros que da Europa se dirigiam às Américas. Sendo um dos principais comboios europeus, e considerado «um dos comboios que fizeram história» (!), o «Sud-Express» ainda hoje, diariamente nos dois sentidos, cumpre na Pampilhosa o ritual de há 87 anos — a mudança de locomotiva e a azáfama de emigrantes, turistas e passageiros de diversas nacionalidades.

É, pois, a partir dos finais do século passado e princípios deste século que a Pampilhosa se torna um dos principais centros industriais de toda esta região a par do mais importante entroncamento ferroviário do país a nível de tráfego internacional que desde então passou a ser. Fornos de cal (chegaram a laborar algumas dezenas), fábricas de cerâmica, resinas, madeiras, adubos, etc., desenvolvem-se rapidamente dada a facilidade de escoamento dos produtos através do caminho de ferro.



A Estação da Pampilhosa em 1881

(Gravura de uma fotografia de E. Bie publicada na Revista «O Occidente»
n.º 140 de 11/11/1882)

De todo o país aqui chegam trabalhadores para o caminho de ferro e para as novas indústrias dando o seu contributo para o desenvolvimento desta terra. Em 1911 já a população da Pampilhosa tinha triplicado em relação a 1864 (1571 habitantes no censo de 1911).

Não é alheia ao caminho de ferro a própria construção do Teatro da Pampilhosa em 1906 mesmo junto à estação. O primeiro de toda a Bairrada e um dos primeiros de toda esta grande região. As grandes companhias de Teatro nacionais passaram a utilizar o comboio nas suas deslocações. Por vezes aqui permaneciam na Pampilhosa aguardando ligações e nada melhor do que a existência de uma boa, para a época, casa de espectáculos que por subscrição pública surgiu então. Por aqui passaram pisando as tábuas do palco do hoje velho Teatro (Cine-Teatro desde 1924) nomes de primeira grandeza do Teatro Português como Maria Matos, Carlos Santos, Joaquim Costa e outros que aqui representaram «A Inquisição», «As Pupilas do Senhor Reitor», e muitas outras peças (1).

Se em 1864 era a Pampilhosa a mais pequena freguesia do concelho de Mealhada com os seus cerca de 500 habitantes o censo de 1982 diz-nos que com os cerca de 4.000 habitantes é agora a maior freguesia do concelho em termos de população. Se em 1860 o caminho de ferro passava fora da Pampilhosa hoje ele está localizado em pleno coração da vila cuja área «urbanizada» ultrapassa os três quilómetros de extensão.

C. Cabral

(1) «Comboios que fizeram História» — M. LEVY e M. CARVALHO in revista «História», n.º 14 — Dez.º 1979.

(2) Entrevista com JOAQUIM PIRES in jornal «Caminhos», n.º de Março de 1968.

«AS ALMAS DO LAGAR»

EM PAMPILHOSA

No alto do lagar, junto ao cruzamento aí existente, situa-se uma capelinha muito pequena em estado de conservação muito precário. Diz a história popular desta terra que ela é um testemunho da gratidão de um homem, de nome Manuel José Quinteiro, que naquele mesmo local, e num momento de grande aflição, só por milagre se terá salvo de morte certa. Isto por volta de 1800. Mas passemos à transcrição desta história com base nas recolhas que temos feito :

— Ora este homem tinha a seu encargo, receber dos moradores da Pampilhosa, os foros do Convento de Lorvão. Para além daquele encargo, ele era também almocreve, fazendo os carretos entre Lorvão e Aveiro, levando o azeite dos foros e trazendo em troca o sal e o pescado.

Estes carretos eram feitos em carro de bois — como era uso naquele tempo — e porque a viagem era longa, o carregamento era feito de véspera, saindo alta noite, a fim de ganhar algum tempo.

Naquela noite, depois de atrelados os bois e de tudo pronto, o Quinteiro sentou-se na frente do carro mandando avançar os animais. A noite estava fria como habitualmente. Por isso ele se protegera, embrulhando-se no seu varino. (Varino era uma espécie de capote de tecido de lã mais ou menos grosseiro, abotoado à frente, com capa e capuz).

Com o corpo aquecido por de dentro do varino, com o andamento lento e monótono dos bois pelo carreiro estreito rodeado de silvados, com o baloiçar do corpo por via dos solavancos do carro ao passar por cima das pedras ou por dentro das covas, abandonou-se a si mesmo e rapidamente se deixou adormecer.

E não deu por que uma das pontas do seu varino se desenrolasse, descaísse, e pelo chão fora, se enrolasse na roda do carro, até que...

... até que ao enrolar-se cada vez mais na roda, o começasse a puxar para fora. Foi assim que de repente acordou estremunhado sentindo como que uma garra forte que ferozmente lhe apertava a garganta e quase, quase o atirava do carro abaixo. Naquele momento de aflição, pressentindo que a sua vida corria perigo sem atinar com o motivo, instintivamente e num grito, apegou-se às «almas do purgatório»!... e nesse mesmo instante como que por graça concedida, os bois estacaram. Mais alguns, poucos, palmos e seria arrancado do carro, arrastado e pisado, não escapando por certo da morte.

E em sinal de agradecimento pela misericórdia de Deus, prometeu logo naquele instante, que ali mesmo naquele local e à beira do caminho, mandaria erguer umas «alminhas» para que ficassem, pelos tempos fora, a lembrar o milagre, que ele considerou como a salvação da sua vida.

(Recolha Popular cedida ao Grupo Etnográfico da Pampilhosa pela sr.^a D. Maria das Dores Sousa Cristina.)

A FONTE DO GAROTO

Situada no largo junto ao Mercado Municipal de Pampilhosa — a Fonte do Garoto — é um artístico chafariz, encimado por uma escultura em bronze da autoria de Mestre Teixeira Lopes — o notável escultor de Vila Nova de Gaia.

Este fontenário de traçado bastante original, representa um garoto deitando água por uma botija de grés.

Mestre Teixeira Lopes, pôs nesta obra toda a sua fina sensibilidade de escultor de crianças — e o garoto humilde, o pequeno operário de outrora, está aqui fielmente representado.

Foi este chafariz inaugurado em 1916, tendo nessa altura uma configuração diferente :

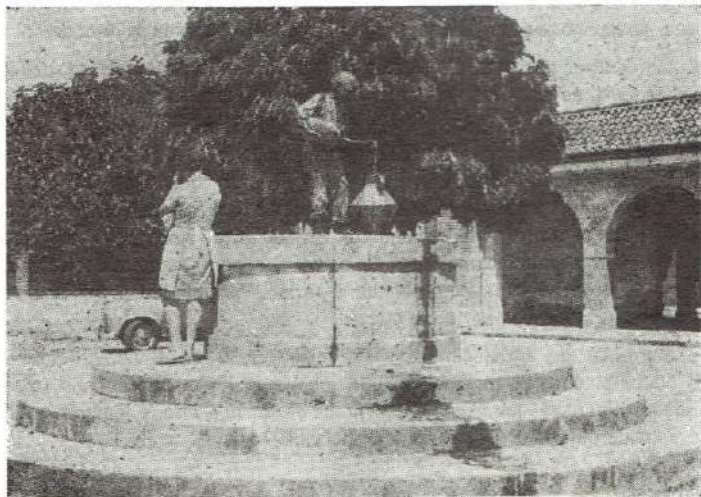
A escultura do garoto estava colocada sobre um plinto de calcário branco, com um pequeno tanque em frente, para onde tombava a água.

Actualmente o tanque é maior e circular, assentando sobre os três degraus que o rodeiam, e tendo ao centro sobre o plinto a estátua do garoto.

Conta a família do escultor, que este ao receber a encomenda do fontenário, idealizou para ele a escultura de um rapazinho.

Vivendo em Gaia, foi até à zona ribeirinha do Porto à procura do modelo ideal. Aí avistou um pequeno operário, que distribuía a água aos carvoeiros. Falou com ele, e conseguido o seu intento, combinou com a mãe do pequeno, que este iria posar para ele no seu atelier de Vila Nova de Gaia.

Qual não foi o seu espanto, quando este lhe aparece de fato domingueiro,



A Fonte do Garoto, em Pampilhosa
(Escultura de Mestre Teixeira Lopes)

e sem a indumentária característica do pequeno operário que idealizara, e que viria a imobilizar no bronze deste belo chafariz.

A escultura tem verdade e encanto, que atestam o cinzel de um grande mestre!

Deste notável escultor, encontram-se ainda outras obras em Pampilhosa.

Refiro-me ao grupo formado por duas crianças que encimam o terraço da residência de Francisco Teixeira Lopes.

Uma das crianças levanta a mão fazendo «Alto», enquanto a outra segurava uma lanterna que iluminava a entrada.

O grupo é cheio de graciosidade, e mostra a propensão que o escultor tinha para modelar crianças. Pena é que a exposição ao ar livre e às inclemências do tempo o tenha mutilado lamentavelmente.

Também na posse da família Teixeira Lopes, existem duas esculturas em terracota representando S. João, e colocadas em nicho no exterior das respectivas residências, e para cujo modelo serviu o primo do escultor João Teixeira Lopes — avô dos actuais proprietários.

A Pampilhosa pode assim orgulhar-se de possuir algumas das belas obras deste grande artista, que a par de outras sobejamente conhecidas, atestam a sua fecunda originalidade, vigor e talento.

Seria justo portanto valorizar este interessante fontenário, colocando junto dele um dístico que lhe desse o seu verdadeiro nome de «Fonte do Garoto», juntamente com o nome do seu autor — o notável escultor António Teixeira Lopes.

E também retirar o inestético cano, que prolonga e desfeia a boca da botija, transformando esta numa caricatura, que é um verdadeiro atentado de lesa-arte.

Aqui fica pois um apelo às entidades competentes que sempre se têm mostrado compreensivas e atentas aos problemas e aspirações desta terra.

Maria das Dores de Sousa Christina

O BARBEIRO COMO SANGRADOR E MEIO CIRURGIÃO

Falar do Povo e de um dos seus bens essenciais como é a saúde e reportando-nos a algumas décadas atrás, significa evocar algumas personagens bem típicas da Cultura Popular que por isso mesmo fazem parte do Roteiro Etnográfico de qualquer Região.

Fora das grandes cidades, que bem poucas eram, à falta de médicos, de hospitais, de comunicações e de meios de transporte, o barbeiro, o ferrador, as bruxas e os santos curandeiros ou milagrosos eram por assim dizer os «médicos» de que o Povo dispunha.

Deixando, por agora, todas as restantes dessas personagens, evocaremos aqui apenas uma, por motivo que adiante se tornará evidente: o Barbeiro (sangrador e meio cirurgião).

Por tanto tempo e tão importante foi aquela sua actividade que hoje as pessoas mais antigas ainda se lhes referem com profundo respeito, muita gratidão e nalguns casos mesmo com preito de homenagem.

Mas não se pense que aquele barbeiro (sangrador e meio cirurgião) foi figura exclusiva do nosso território. Não! Citemos, apenas como exemplo que no séc. XVI um 1.º cirurgião do Rei de França, Ambroise Paré, foi ensinado na sua infância na arte de cirurgião por um modesto barbeiro.

Em Portugal chegou-se a publicar em 1604 uma obra de grande vulto da autoria de Manuel Leitão e com o título «Prática de Barbeiro em quatro tratados, e em os quais se trata de como se há-de sangrar, ...» (... , etc.). Haverá ainda pouco mais de cem anos que no Hospital da Misericórdia do Porto funcionou um curso rudimentar de pequena cirurgia e que foi na sua grande parte frequentado por barbeiros. Também por aqui pela nossa Região houve destes barbeiros. Há hoje quem se lembre ainda do Sr. «António Barbeiro» da Pampilhosa, pai do ilustre Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

Muito pouca gente saberá, entretanto, que em 12 de Maio de 1781 foram passadas duas cartas a BERNARDO JOSÉ, filho de António Francisco, natural e morador da Póvoa do Loureiro, autorizando-o, numa carta, — «a usar da Arte de Sangrar, sarjar, lançar ventosas e sanguessugas... ... E a arrancar dentes».

E na outra,

— «a usar da Arte de meia cirurgia, curando só de apostemas leves feridas simples, chagas simples e as feridas graves pela primeira vez somente».

Aqui se apresenta reprodução de uma dessas cartas cujos originais, em pergaminho, se encontram no nosso Museu. Sendo em tudo muito semelhantes, só diferindo na descrição do fim a que se propunham, como acima já se descreveu, damos a seguir o teor de uma delas :



«CORONEL ANTÓNIO SOARES BRANDÃO com exercicio no posto de Cirurgião mor do Exército professo na Ordem de Cristo Fidalgo da casa de S. Mag.^a Fidelíssima, Cirurgião de sua Real Câmara Provedor, e Guarda Faço saber a todos os Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, Justiças, Officiais e pessoas dela aquelles a quem com direito directamente deva e haja de pertencer que BERNARDO JOSÉ filho de António Francisco natural e morador do lugar da Póvoa do Loureiro, Comarca de Coimbra me requereu que ele pretendia usar da Arte de sangrar, sarjar, lançar ventosas e sanguessugas nestes Reinos e Senhorios de Portugal por ter aprendido, e praticado como mostrou por certidão que foi por mim vista e examinada por bem do qual me pediu lhe mandasse expedir carta para que livremente pudesse usar da dita faculdade ao que não tendo dúvida por ter sido examinado na presença do meu Commissário João Carvalho Magalhães Medeiros Maldonado pelos examinadores Manuel Pereira de Sá e à falta de outro supriu o mesmo Commissário que o deram por aprovado debaixo do juramento que para este efeito tinham recebido como constou do documento que me apresentou lha mandei passar e é a presente. Pelo que requieiro da parte de S. Mag.^a a todas as sobreditas justiças que não procedam por via alguma contra o dito BERNARDO JOSÉ antes livremente o deixarão usar de todo o sobredito o qual não sangrará sem ordem de médico ou Cirurgião. aprovado: nem tirará dentes sem ser examinado e haverá o juramento dos Santos Evangelhos dentro de três meses na Câmara onde pertencer e não tomando o dito juramento será condemnado nas penas que dispõe o Regimento deste Juizo para que bem e verdadeiramente use como convém ao serviço de S. Mag.^a e bem do público. Dada e passada nesta Corte e Cidade de Lisboa aos 12 de Maio de 1781. Pagou de feito desta trezentos reis, da assinatura mil e duzentos reis e eu Joaquim António de Brito a fiz escrever e subscrevi».

FIALHO DE ALMEIDA E A PAMPILHOSA

Não se tornará necessário realçar a importância dos escritos deixados por nossos antecessores a fim de reconstituir a História Popular do nosso Povo. A própria História, a História científica, bebe nessa fonte a elevadíssima percentagem de conhecimentos que possui.

Também o etnólogo aí busca elementos preciosíssimos que o auxiliam a tirar muitas conclusões.

E o etnógrafo? Também poderá recorrer a tais processos?

A nossa pouca prática diz-nos que sim. Mais, que DEVE mesmo procurar na nossa literatura pormenores de relevante interesse. Muitas vezes, quase sempre, poucas novidades se apanham. Mas quando realmente elas se encontram, que melhor pista pode ter o etnógrafo para procurar a sua confirmação? Mas mesmo que estas novidades não surjam, não valerá a pena este tipo de investigação, quanto mais não seja para vermos aí confirmados os testemunhos por nós recolhidos? Certamente que todos pensarão afirmativamente.

Foi por isso que já anteriormente publicámos alguns trabalhos do grande literato que foi o Prof. Guilherme Ferreira da Silva, pampilhosense devotadamente amante desta sua terra, que hoje também é nossa.

Desta vez vamos divulgar pequenos trechos do grande escritor «Fialho d'Almeida». Mas antes, cumpre-nos dar uma brevíssima biografia deste autor e relacioná-lo com a Pampilhosa.

— JOSÉ VALENTIM FIALHO DE ALMEIDA, escritor português, nasceu em Vila de Frades (Alentejo) a 7/5/1857 e faleceu em Cuba (Alentejo) a 4/3/1911. Filho de um professor primário, frequentou a escola do seu pai. Mais tarde, em Lisboa, foi praticante de farmácia, conseguindo à custa de muitos trabalhos, formar-se em Medicina. Curso que no entanto praticamente não utiliza pois prefere dedicar-se plenamente à literatura. Aliás os nossos compêndios são peremptórios na afirmação de que Fialho d'Almeida nunca exerceu medicina. Porém, tal não é exactamente verdade. Sabe-se que Fialho d'Almeida logo após a sua formatura, esteve em Pampilhosa, onde durante algum tempo exerceu a actividade médica. A confirmar, estão os depoimentos de algumas pessoas das mais antigas desta região que ainda se lembram de ouvir falar da passagem daquele médico pela nossa terra. A confirmar também, há um livro encontrado numa casa antiga da Pampilhosa onde se assentavam apontamentos diversos e recordações. Aí se pode ler o assento da seguinte direcção :

Cuba (Alentejo)

Dr. Fialho d'Almeida

o médico que esteve no Lazareto

Lazareto era um «barracão», em madeira, uma espécie de enfermaria para onde eram levadas todas as pessoas que, em trânsito, nos combóios, se suspeitasse que sofriam das pestes então epidémicas. Para aí eram levadas onde ficavam numa espécie de quarentena até ao desenvolvimento ou cura da doença. O lazareto situava-se, mais ou menos, no zona onde se situa a Capela da Lagarteira. Ainda e também a confirmar a passagem de Fialho d'Almeida pela Pampilhosa,

está o seu livro «O País das Uvas», editado em 1893 e onde o autor descreve dois contos que localiza nesta região :

— «O Filho» passado na estação de Pampilhosa e com uma mulher da Vacariça.

— «A velha» história passada numa aldeia próxima do Luso e a qual se refere a um moleiro do Pego.

Posto isto passemos realmente à transcrição de pequenos excertos destes contos, e que possam interessar para confirmações ou para pistas folclóricas e etnográficas.

DE «O FILHO»

«...Toda aquella tarde, uma velha estivera acorada no chão da sala comum, vestida de negro, com os cabellos brancos sobre os olhos, o chaile esfiado pela cabeça, uma taleiguita de estopa no regaço... Tinha chegado essa manhã da Vacariça; era uma velha pequena, chata de cara, amarellenta, lesta e descalça de pé e perna, como em geral andam as mulheres pobres da Bairrada...»

«...Da Vacariça ao entroncamento da Beira, em Pampilhosa, vai uma travessia talvez de légua e meia...»

«...ela estacara medrosa, a taleiguita de estopa no quadril, cahido o chaile, e sob o chapéo de feltro chato, o seu lenço negro de viúva, enrolado até a bocca, como um tocado tunesino...»

«...a sua oração todos os dias intercede ao Santo Christo do Bussaco...»

DO CONTO «A VELHA»

«...Era uma velha que vivia em companhia do filho, n'uma aldeia da Bairrada, lá para as bandas do Luzo...»

«...Por mais que ella se encolhesse nas estamenhas velhas do seu traje, por menor que fosse a bucha arrancada à brôa de milho, durante as refeições...»

«...Deixou cair a colher no fundo da malga em que comia, e lentamente pôz-se a erguer por sobre os hombros, à guiza de capote, a saia d'estamenha que trazia vestida...»

«...deixara-se ficar calado, com os olhos no fundo da sua tijela, e triturando nos gumes dos incisivos, restos de côdeas esquecidas sobre a meza...» «...do velho relógio suspenso na parede, por cima d'uma grande arca de castanho...»

«...tirou da arca meia dúzia de trapos que lá tinha...»

«...Que tormenta de neve cai lá fóra, Nossa Senhora de Mortágua...»

«...Resa uma Salvé Rainha a Nossa Senhora de Mortágua...»

«...Em solteira, ia ella, no carro de bois, pela romaria d'agosto, té ao monte que ensombra a villa, mal-o pae, e os irmãos, e os parentes, de chapéo novo, lenço de sêda, e tamancos de polimento, mais ricos, com seu tacão encarnado...»

«...Eh, mana mulher!...»

«...É o moleiro do Pego, que a requestara em cachopa, e na romaria d'agosto, em Mortágua, lhe arrancara a confissão d'um amor...»

«...dizia o moleiro chegando para ella o seu rude escabello de pinho :...»

— Que estes excertos possam servir de pistas para os nossos etnógrafos.

A. M. A. S.

A CASA MELO E O CELEIRO DAS FREIRAS DE LORVÃO



Situada na parte alta da Pampilhosa, no centro onde existiu o povoado primitivo, vem referida no INVENTÁRIO ARTÍSTICO DE PORTUGAL DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES.

Conjunto que data do século XVI, caracteriza-se por uma escadaria exterior

com balcão-varanda sobre pilares de pedra, sendo o celeiro que lhe é anexo de construção posterior.

Trata-se de uma casa rural bastante grande para a época, pois tem vários compartimentos, uma enorme cozinha com chaminé e seus poiais de pedra ao gosto rústico e anexos correspondentes a uma casa de lavoura.

O celeiro anexo pertencia às Freiras do Mosteiro de Lorvão onde estas recebiam e arrecadavam as rendas dos foros, pagas em géneros. Quando pelo decreto de 30/5/1834 de Joaquim António de Aguiar foram extintos os conventos e vendidos os seus bens passou o celeiro para a Casa Melo. Assim ampliou a Casa Melo as suas arrecadações, como a «casa das pias» que lembra a abundância com que esta família vivia, pois se considerava a casa que mais azeite colhia entre o Vouga e Mondego.

«No seu conjunto apresenta-se bastante degradada, merecendo no entanto ser aproveitado para um equipamento colectivo de carácter cultural, dado que conjuntos desta qualidade e antiguidade já são raros nesta zona» — (Arquitecto J. Santiago Faria).

Foi declarado IMÓVEL DE INTERESSE CONCELHIO em sessão de 21/10/1980 da Câmara Municipal do Concelho de Mealhada tendo sido solicitada a respectiva classificação ao Instituto Português do Património Cultural.

A Câmara Municipal tem vindo a desenvolver esforços no sentido da aquisição aos actuais proprietários para futura instalação do Museu Etnográfico da Pampilhosa. Oxalá que tais esforços sejam coroados de êxito com bastante brevidade já que o seu arrastamento poderá levar à perda irreparável desta peça única do nosso património cultural, autêntico ex-libris da Pampilhosa.

O «ENTERRO DO BACALHAU»

TRADIÇÃO DA PAMPILHOSA

O «Enterro do Bacalhau» será dos únicos, senão mesmo o único costume da Pampilhosa, bem delimitado no tempo e também na sua origem. A sua limitação no tempo é testemunhada pelos programas destas realizações de que possuímos uma colecção no nosso Museu Etnográfico. Assim o programa do Enterro do Bacalhau de 1956 revela que estes cortejos tradicionais se realizaram em 1903, 1923, 1924, 1939, 1940, 1946 e 1956. Depois disso ter-se-á realizado apenas em 1962, 1968 e 1978. Vê-se bem que o Enterro do Bacalhau não tem qualquer carácter de periodicidade, sujeitando-se à vontade o Povo em se juntar e concretizá-lo.

Quanto à sua origem, recolhemos algumas versões coincidentes, divergindo apenas no pormenor, e pelas quais se concluiu que um Pampilhosense (Albano de Sousa Cristina) com família em Santarém terá visto em Ribeira de Santarém este costume o qual considerou tão apropriado ao nosso Povo que de imediato organizou o primeiro cortejo em 1903.

O Enterro do Bacalhau que se realiza na noite do Sábado de Aleluia, é fundamentalmente uma crítica popular ao jejum a que a Igreja Católica obrigava o nosso Povo durante a Quaresma. Não se podendo nesta quadra comer carne, as pessoas tinham forçosamente que recorrer ao peixe e deste ao Bacalhau por ser o único capaz de se preservar sem cuidados especiais. Com o acabar da Quaresma e chegar da Páscoa, finalizava esta restrição e daí portanto a alegria popular que enterrando o peixe (Bacalhau) pelo menos por algum tempo, vai saciar por alguns dias o apetite pela carne, acicatado por tanta abstinência.

Na organização deste cortejo «fúnebre» não faltam os simbolismos: das irmandades, os «Fralda Fora» que se apresentam mesmo com as fraldas da camisa por fora das calças; — o esquife com um bacalhau dentro que antes do enterramento segue na frente do cortejo; — à guiza de guiões surgem paus encimados por caixas de cartão em cuja face principal previamente se picotou ou recortou um feitiço pretendido. Forrando-se depois com papel transparente. Dentro destas caixas são colocadas lamparinas de azeite ou velas acesas o que na escuridão da noite faz sobressair o tal símbolo que previamente se recortou no papel. É desta maneira que aparecem as representações do bacalhau e doutros peixes e dos seus acompanhantes, azeite, vinagre, alho, etc., e de animais (a carne), principalmente, a cabra e o bode. Não falta ainda uma guarda de honra constituída por jovens meninas que transportam umas varas a preceito, simbolizando espinhardas. Entretanto foi também introduzido um barco com pescadores representando a faina da pesca. O «cemitério» deste enterro foi inicialmente no Largo do Freixo passando a partir de 1962 para as Covas da Baganha. Neste local as meninas da Guarda de Honra fazem algumas evoluções e um orador «bem escolhido» para o efeito lê «de improviso» o elogio fúnebre do «finado».

Após o «Enterramento» e no regresso do Cortejo ao ponto de partida, já não havendo o esquife, é o símbolo do carneiro que passa para a frente pois que àquela hora já ele estará dentro das caçoilas para ser confeccionada a saborosa e

bem apreciada chanfana «à Pampilhosa», o prato forte do Domingo de Páscoa conforme a tradição consagrou.

Cortejo nocturno de belo efeito, com excelentes motivos de tradição popular, oxalá o Povo da Pampilhosa possa e saiba dar-lhe continuação, não o deixando desaparecer e mesmo introduzindo novos elementos que o possam valorizar. Segue-se a transcrição de dois programas, o de 1923 e o de 1956.

A. M. A. Silva

ENTERRO DO BACALHAU

NO

SÁBADO DE ALELUIA

DIA 31 DE MARÇO DE 1923

ÀS 8 E MEIA HORAS DA TARDE

Realiza-se em Pampilhosa do Botão um pomposo cortejo funebre para o enterro do EX-FIEL AMIGO, a efectuar no largo do Freicho.

Um prestito flamante desfilará pelas ruas da povoação, acompanhado da numerosissima irmandade — A FRALDA FORA — e duma forma militar comandada pelo célebre e valente general do Casal, vencedor da China, da Pocariça, da Hotentotia e que entrou na grande batalha das linhas de... cozer botões das calças!

ABRILHANTARÁ o enterro a grande filarmónica — Pele e Pifaro — regida por um dos maiores maestros da actualidade — o Ministro Norton.

Espera-se que acompanhem o triste bacalhau à sua última jazida, todos os seus parentes mais íntimos: a CHANFANA, o BODE, etc., etc., etc..

Do elogio fúnebre está encarregado um autentico orador das redondezas, que aceitou o encargo depois de terem TEIMADO com ele... as mantas do diabo.

O acompanhamento será a pé e sairá da porta da SEPINEIRA.

A salva dos 21 tiros será dada por dois competidores do saudoso e célebre — Zé Pote.

Não se fazem convites especiais atendendo ao luto pesado do vinagre e do azeite mas espera-se que compareça gente de todas as províncias de Portugal.

À PAMPILHOSA, POIS!!!

Enterro do Bacalhau

E M
PAMPILHOSA

No dia de Sábado de Aleluia, de 1956

(Cortejos tradicionais — anteriores realizações: 1903 - 1923 - 1924 - 1939 - 1940 e 1946)

*Senhores, mais uma vez,
— Se o tempo não estiver mau
Vai fazer-se em Pampilhosa
O Enterro do Bacalhau.*

*Portanto, quem escapar
Das nove horas da manhã,
Do Sábado de Aleluia,
Vista chita ou vista lã.*

*Pode vir assistir
À noite, a certa hora,
A Pampilhosa, ao lindo
Cortejo dos Fraldas-Fóra.*

*É uma festa de arromba,
(Se as notícias não são falsas)
Uma festa de rebentar.
A rir, os cós das calças.*

*Entram eles e entram elas;
Entram bons e entram maus,
Entram anjinhos papudos
E refinados maraus.*

*Há tropa, mas feminina,
Que tem feição menos dura,
Comandada — calha bem!
P'lo grande General «Fura».*

*O Zé P'reira vem à frente
Cheio de mágua, a tocar
A «Mula da Cooperativa»,
Que é ária para chorar.*

*Os coveiros, caras medonhas,
Não poderiam faltar.
Trazem pás e picaretas
Para o bicho enterrar.*

*Alas de gente tristonha
Candelabros de luzes cheias
Candelabros que afinal,
São umas simples candeias.*

*Venham, pois, venham ver
Esta coisa de pasmar,
Que tem, além do demais,
— Uma batata a falar!*

Todas ao Enterro do Bacalhau!

*Basto acompanhamento:
Peixe, carne, cebolinha,
Alho — o bacalhau quere-o
E a bela da pinguinha.*

*Vem a cabra e seu marido,
O bode, pois já se vê,
O porco e o carneiro
E toda, toda a ralé.*

*A sardinha, a cabala,
A pescada, o carapau...
— Ninguém falta ao enterro
Do pobre do bacalhau.*

*Vêm Baptistas e Reis
Vêm Cartaxos, Perús,
Camelos, Leões, Felícios
E «Galuchinchas» de truz!*

*Vêm pipis da tabela,
Mazombos de meter medo,
E lambisgoias tão lindas,
Que fazem sorrir um penedo.*

*A coisa tem seu princípio
No Casal e sem parar,
Vem a ter seu triste fim,
Junto ao Freixo secular.*

*Às vinte horas prefixas,
Começa tudo a mexer...
A formar-se o cortejo,
Para as ruas percorrer.*

*E toda esta festança
Sem um vintem se gastar:
É só vir, comparecer
E rir, rir, até mi... rrar.*

Museu Etnográfico da Pampilhosa

- *TRAJO*
- *ARTESANATO*
- *APETRECHOS DE TRABALHO*
- *UTENSÍLIOS CASEIROS*
- *ARTE SACRA*
- *LIVROS ANTIGOS*
- *ARQUIVO DE DOCUMENTAÇÃO*
- *ARQUIVO DE IMPRESSOS*
- *ARQUIVO DE MANUSCRITOS*

Para quem aprecia a Arte e Cultura Populares; para os simples curiosos; para os estudiosos como fonte de investigação o Museu Etnográfico da Pampilhosa, na Rua Prof. Guilherme Ferreira da Silva, na Pampilhosa Alta está à disposição de todos quantos o desejem apreciar ou consultar.

MUSEU ETNOGRÁFICO DA PAMPILHOSA
GRUPO ETNOGRÁFICO DA PAMPILHOSA
E
RANCHO FOLCLÓRICO DA PAMPILHOSA

Três actividades diferentes mas complementares que o **RANCHO FOLCLÓRICO E GRUPO ETNOGRÁFICO DA PAMPILHOSA** desenvolve com todo o respeito e amor à verdade já que é do «**Povo de que vimos e para o Povo que também somos**».

Centro de Assistência Paroquial de Pampilhosa

— INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA —
TELEFONE 94293

•
INSCRIÇÕES PARA O ANO LECTIVO 1982-3
ABERTAS ATÉ 15 DE JULHO

— INFANTÁRIO

- CRECHE (3 meses a 2 anos)
- JARDIM DE INFÂNCIA (2,5 a 5 anos)

— ACTIVIDADES DE TEMPOS LIVRES

(CRIANÇAS DAS ESCOLAS PRIMARIAS)

- CARPINTARIA
- TECELAGEM
- TEATRO
- JORNALISMO
- PINTURA
- GRAVURA
- MODELAGEM
- ETC.

•
APOIE-NOS NA CAMPANHA PARA

— CENTRO DE DIA PARA IDOSOS

•
INSCRIÇÕES PARA O ANO LECTIVO 1982-83

SOMOS UMA INSTITUIÇÃO AO SERVIÇO DA COMUNIDADE

TESVIC

CONSTRUTORES, LDA.

PAMPILHOSA

—):-:(—

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

TERRAPLANAGENS

OBRAS DE URBANIZAÇÃO

ALUGUER DE MÁQUINAS



Telefone 9 42 06

Apartado 8

OLIVA

SOLUÇÃO DE ECONOMIA — CONTENTAMENTO NO LAR

- Máquinas de Costura
- Televisores
- Fogões a Gás e Mistos
- Fogões a Lenha
- Frigoríficos
- Arcas Congeladoras
- Máquinas de Lavar Roupa
- Máquinas de Lavar Louça
- Esquentadores
- Bicicletas
- Electrodomésticos Diversos

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

AGENTE OFICIAL EM PAMPILHOSA

JOSÉ DUARTE GOMES



LARGO DA IGREJA — PAMPILHOSA

EDMUNDO DUARTE DE CARVALHO

CORRESPONDENTE BANCÁRIO — SEGUROS

RUA DA REPÚBLICA

Telef. 94104 — **PAMPILHOSA** — 3050 MEALHADA



*Aparelhagem Electro-Doméstica e a Gás — Louças — Papeleria
Livraria — Jornais — Revistas — Material Eléctrico — Utilidades
Brinquedos — GALP GÁS*

ANTÓNIO DA CRUZ SANTOS

CASA DE PASTO

— **BANQUETES**

— **ALMOÇOS**

— **E JANTARES**



TELEF. 94254

PAMPILHOSA

RUGILAR

Maria da Luz Cristina Rodrigues

RUA DO FREIXO

PAMPILHOSA

TELEF. 9 41 67



★ ELECTRODOMÉSTICOS

★ RÁDIO T. V.

★ MÓVEIS

★ ESTOFOS

★ MÁQUINAS

★ GALP-GÁS

NODO

CONSTRUÇÕES, LDA.

- ★ MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
- ★ PROJECTOS
- ★ CONSTRUÇÃO E VENDA DE ANDARES, EM EXECUÇÃO NA PAMPILHOSA

- Com 2 e 3 Assoalhadas
- A 15 minutos de Coimbra
- C/ Estacionamento Privativo
- Servidos de Transporte Público
- A 200 metros da Estação C. Ferro
- C/ Zonas Verdes
- Ambiente Calmo
- Belas Vistas para a Serra Do Bussaco
- Empreendimento Financiado pelo Montepio Geral
- Facilidades de Pagamento

CONTACTE-NOS

SOMOS : **NODO CONSTRUÇÕES, LDA.**

Rua Joaquim Cruz

Largo do Preto

PAMPILHOSA

Alcides Lindo da Silva

TECIDOS E CONFECÇÕES

PARA

HOMEM — SENHORA — CRIANÇA



PAMPILHOSA

Fidelidade Grupo Segurador, E.P.

*REPRESENTADA NESTA ZONA
PARA ALÉM DOS VÁRIOS AGENTES
PELO SEU COORDENADOR*

ADELINO FERREIRA DA SILVA



TELEF 9 41 30

PAMPILHOSA



COMPOSTO E IMPRESSO
NA
TIPOGRAFIA COMERCIAL
RUA SIMÕES DE CASTRO, 147
COIMBRA, 6-82

Joaquim Luxo

MEALHADA

*TODOS OS PRODUTOS PARA AVILCUL-
TURA E PECUÁRIA*

—VITAMINAS

—DESINFECTANTES

—LEITE DE SUBSTITUIÇÃO
ETC.



TELEFONE 2 21 66

MEALHADA



ÁGUA
E
REFRIGERANTES

Cruzeiro



Sociedade da Água de Luso, S. A. R. L.

DIVISÃO 2 (CRUZEIRO)

TELEFONES :

SEDE : 93211 / 93212

CRUZEIRO : 93231

LUSO — PORTUGAL